

Para Referenciar:

JESUS, Francisco de Paula Santana de. Prolegômenos à concepção Nietzscheana da história.
In: Argumento, Salvador, n. 16. p. 9-20, novembro. 2020

Prolegômenos à Concepção Nietzscheana da História

Francisco de Paula Santana de Jesus¹

Resumo: O objetivo do presente texto é apresentar, de forma breve, determinados aspectos da concepção nietzscheana de História e, dessa forma, de que modo o filósofo se vale desta para refletir filosoficamente sobre a cultura ocidental e a própria Filosofia. Tomando como exemplo o modo como o filósofo interpreta a queda do Império romano e a assimilação do cristianismo por este, evidenciamos que Nietzsche se aproxima da História, enquanto forma poética de interpretação, na medida em que esta lhe possibilita reconstituir os processos formativos dos aspectos culturais do Ocidente de modo alternativo aos modelos que pretendem uma visão objetiva e totalizante e fundamentada em valores cristãos.

Palavras-chave: Nietzsche. História. século XIX.

Introdução

A relação entre o pensamento nietzscheano e a História é seminal. Desde a juventude, Nietzsche se preocupa não apenas com a questão da dimensão histórica das coisas, mas também se há uma lógica imanente à História. Significativo nesse sentido é um opúsculo, escrito por volta dos seus 17 anos, intitulado “Fado e História”. Esse aspecto, sob variadas formas, se verifica uma constante ao longo de sua carreira

¹Possui graduação em Filosofia pela Faculdade São Bento da Bahia e especialização em História da Bahia pela Universidade Católica do Salvador. Tem interesse e desenvolve pesquisas em Filosofia Moderna e Contemporânea, sobretudo nas áreas de Política, Teoria do Conhecimento e Filosofia da História. Atua como professor de Filosofia na rede privada de ensino.

Para Referenciar:

JESUS, Francisco de Paula Santana de. Prolegômenos à concepção Nietzscheana da história. *In: Argumento*, Salvador, n. 16. p. 9-20, novembro. 2020

enquanto filósofo, de modo que Nietzsche, muito justamente, pode ser considerado um filósofo da História e, igualmente, um historiador da Filosofia.

Desde a “origem” do Ocidente, em *O nascimento da tragédia*, ao processo de decadência que se instaurou com a assunção do cristianismo, n’*O Anticristo*. Passando pelo surgimento dos conceitos morais em *A genealogia da moral*. Ou mesmo em obras que permaneceram incompletas e não publicadas em vida como *A filosofia na época trágica dos gregos*. O filósofo demonstra uma preocupação em interpretar temporalmente os processos em que foram engendrados aspectos constitutivos da cultura ocidental. Desse modo, pretendemos trazer a lume alguns aspectos da concepção nietzscheana da História, ou melhor, as formas das quais ele se vale dela ao longo de sua atividade filosófica.

Assim, a questão que norteará nossa investigação é a seguinte: até que ponto Nietzsche se aproxima da História como auxiliar da Filosofia? O que aponta para o alcance e as implicações do uso da história na filosofia nietzscheana. Para tanto, consideraremos sua produção do período de maturidade e, para ilustrar a forma como o filósofo relaciona a Filosofia e a História, analisaremos brevemente as suas considerações a respeito da assimilação do cristianismo pelo Império romano. Nossa hipótese é que, para Nietzsche, o que estava em jogo era um projeto civilizador. Em outras palavras, apresentar alternativas à formação cultural imposta pelo cristianismo e impregnada nas atividades intelectuais – a História inclusa – das sociedades ocidentais.

A relação de Nietzsche com a História

O século XIX foi indiscutivelmente o “século da História”. Para os historiadores e seu intuito de alçá-la ao mesmo nível a que haviam chegado as ciências da natureza,

Para Referenciar:

JESUS, Francisco de Paula Santana de. Prolegômenos à concepção Nietzscheana da história. *In: Argumento*, Salvador, n. 16. p. 9-20, novembro. 2020

a História, de acordo com Hayden White, “[...] era considerada um modo específico de existência”, ou seja, a via pela qual o homem pode atualizar o seu *ser-no-mundo*; o seu correlato, “a consciência histórica um modo preciso de pensamento”, em oposição à falta de sentido na apreensão dos fatos relativos ao progresso das sociedades ao longo do tempo; e, conseqüentemente “o conhecimento histórico um domínio autônomo no espectro das ciências humanas e físicas” (WHITE, 2008, p. 17), com seus próprios métodos e objetos de estudo definidos. Nesse sentido, ainda de acordo com White, grandes modelos de interpretação histórica foram formulados tanto por historiadores como por filósofos, sendo Nietzsche um deles.

Uma interpretação histórica particularmente singular é proposta por Nietzsche. É nesse sentido que Karl Löwith ressalta que Nietzsche parte “das ciências histórico-filológicas” (LÖWITH, 2014, p. 225), o que possibilitou não apenas um modo diferenciado de interpretação filosófica da História e, conseqüentemente, da cultura, mas também colocou-o numa relação especial com a filosofia hegeliana — e os hegelianos — e o inseria numa longa discussão em torno da Filosofia da História bastante acalorada no decorrer do século XIX e cujos desdobramentos reverberaram nas ciências sociais e históricas do século seguinte. Contudo, se a sua formação em Letras Clássicas foi determinante nesse sentido, também tiveram importante influência sobre o pensamento nietzschiano, a partir da década de 1880, a fisiologia e o pensamento darwinista, como demonstra Wilson A. Frezzatti Júnior (FREZZATTI JUNIOR, 2014).

Essa combinação permitiu o filósofo formular sua “teoria das forças”, na qual a noção de *décadence* — e sua lógica, o niilismo — se inserem. De modo que para Nietzsche é justamente a “falta de sentido histórico” dos filósofos, em seu intuito de subtrair toda a possibilidade de erro ou engano da razão, dando uma interpretação

Para Referenciar:

JESUS, Francisco de Paula Santana de. Prolegômenos à concepção Nietzscheana da história. *In: Argumento*, Salvador, n. 16. p. 9-20, novembro. 2020

moral à realidade, que deu início a esse processo de perda de *potência* e, subsequentemente, de perda de sentido (NIETZSCHE, 2017, p. 20). Mas, se para Nietzsche a consciência de que as coisas estão eivadas de historicidade não poderia ser perdida de vista, como acontecia com a Filosofia uma vez que para ele, os “historiadores e outros coveiros” também incorriam no mesmo erro “daqueles que vivem em túmulos e serragem” (NIETZSCHE, 2002, p. 167), pois buscavam encontrar no passado verdades últimas que justificassem o presente.

Com efeito, havia entre os historiadores profissionais, sobretudo os positivistas como von Ranke, no século XIX, a crença na objetividade dos fatos históricos e a ideia de estes, ao falarem por si mesmos, revelariam um fundo de verdade que estaria encoberto. Porém, White lembra que “para Nietzsche [...] havia tantas 'verdades acerca do passado quantas fossem as perspectivas a respeito dele” (WHITE, 2008, p. 340). É precisamente nesse sentido que Nietzsche nos diz que “contra o positivismo que fica preso ao fenômeno 'só há fatos', eu diria: não, justamente fatos é que não há, e sim apenas interpretações”. Interpretações essas cujo fundo é um complexo conjunto de impulsos, instintos, constitutivos do indivíduo. Sendo assim, “cada instinto é uma espécie de ânsia de dominar, cada um tem a sua perspectiva que ele gostaria de impor como norma a todos os demais instintos” (NIETZSCHE, 2002, p. 165). A interpretação positivista, assim como todas as outras interpretações históricas, seria sintoma de uma dada organização instintiva.

É justamente contra esse tipo de interpretação, predominante na Alemanha oitocentista e, sobretudo a figura de Leopold von Ranke, que Nietzsche se opõe. Pois,

a historiografia embelezadora de Ranke, o seu andar na ponta dos pés em todos os pontos onde é preciso expor como tal um absurdo terrível do acaso; a sua crença em um como que dedo imanente de Deus, que ocasionalmente empurrados algo uma vez para cá e

Para Referenciar:

JESUS, Francisco de Paula Santana de. Prolegômenos à concepção Nietzscheana da história.
In: Argumento, Salvador, n. 16. p. 9-20, novembro. 2020

para lá na maquinaria do relógio. (NIETZSCHE, 2008, p. 574)

A crítica nietzscheana a esse tipo de explicação, de acordo com White, deve-se ao fato de que

tendem a estruturar suas narrativas de modo a desenhar a consolidação ou cristalização, a partir de um conjunto de eventos evidentemente dispersos, de alguma entidade integrada cuja importância é maior do que qualquer das entidades analisadas ou descritas no curso da narrativa (WHITE, 2008, p. 30).

Daí o recurso, em última instância, à ação divina como causa eficiente da história enquanto tal. O que, para o filósofo, evidencia a continuidade, sub-repticiamente, de uma visão teológica.

O que é a História, para Nietzsche, então? A resposta para essa questão, assim como para muitas outras, varia de acordo com o período produtivo do filósofo. A partir da década de 1880, como dissemos acima, devida à influência da fisiologia e à formulação do conceito de *vontade de poder* (*Wille zur Macht*), o filósofo “compreende a história como oscilação das relações de potência” (MARTON, 2016, p. 257). Nietzsche defende que existe uma “hierarquia dos juízos axiológicos, de acordo com os quais vive um povo, uma sociedade, um ser humano” e, nesse sentido, a história se daria justamente na “relação entre os critérios de valor com as condições de vida” (NIETZSCHE, 2008, p. 441). É a dinâmica entre as formas de vida, entre as múltiplas forças que impulsionam a efetividade, que constitui a tessitura mesma da historicidade. Nietzsche, diferentemente dos historiadores oitocentistas, dá à História uma dimensão mais ampla do que a dos fatos sociais ao longo do tempo.

É nesse sentido que Gianni Vattimo pode afirmar que, para Nietzsche, “a história é natureza [...] no sentido da palavra grega *physis*” (VATTIMO, 2010, p. 73). Isso

Para Referenciar:

JESUS, Francisco de Paula Santana de. Prolegômenos à concepção Nietzscheana da história. *In: Argumento*, Salvador, n. 16. p. 9-20, novembro. 2020

permite ao filósofo dar um tratamento diferenciado aos processos formadores da cultura e de suas instituições. Outrossim, reafirma o caráter *poiético* de seu pensamento e da própria consideração da História não apenas enquanto relações entre formas de vida e suas respectivas instâncias avaliadoras (*Geschichte*), mas também, da História enquanto ciência (*Historie*)². Esta, com efeito, deve conceber “o ser humano como teatro” (NIETZSCHE, 2008, p. 417). Em outras palavras, como o lugar mesmo onde se dá o jogo entre as diversas forças e onde se erguem e declinam as hierarquias instintivas e avaliativas. Mas, e nisso consiste o intuito da polêmica nietzscheana, também deve ser considerada como uma forma metafórica de compreender a sucessão dos fatos e sua temporalidade.

Se a História — enquanto *Historie* — é, para Nietzsche, uma construção conceitual a partir da qual é possível reconstituir analiticamente determinados processos culturais, sem que, contudo, pretenda-se com isso obter alguma objetividade e exatidão, a própria Filosofia se converte ela mesma na “forma mais generalizada de historiografia, como tentativa de descrever de algum modo o heraclitiano, resumindo-o em signos (como que a *traduzir* e mumificar numa espécie de ser aparente)” (NIETZSCHE, 2008, p. 486). Ou seja, essa genealogia defendida por Nietzsche visa ser uma forma de hermenêutica na qual a imagem das instâncias avaliadoras que se encontram na base dos processos formativos das sociedades, dos povos e dos indivíduos, possa ser plasmada.

Contudo, adverte-nos o filósofo: é necessário que se atente para a perspectiva

² Para os alemães, existe uma distinção entre a ciência histórica, compreendida enquanto *Historie*, e a sucessão temporal dos fatos, *Geschichte*. A primeira, lembra Jacques Rancière, corresponde as “condições de construção do discurso” ao passo que a última se refere justamente “a densidade da experiência vivida” (RANCIÈRE, 2014, p. 4). A língua portuguesa não dispõe de tal diferenciação, portanto História deve corresponder a ciência, enquanto história aos transcórrer temporal.

Para Referenciar:

JESUS, Francisco de Paula Santana de. Prolegômenos à concepção Nietzscheana da história.
In: Argumento, Salvador, n. 16. p. 9-20, novembro. 2020

— leia-se, a hierarquia instintiva — do próprio historiador para que não incorra em equívocos. É nesse sentido que, se referindo aos historiadores de seu tempo, ele afirma que

todos eles pecam contra o bom gosto: eles se iniciam na alma de seres humanos, de cujo nível hierárquico e de cuja sociedade não fazem parte. O que tem a ver, p. ex., um plebeu tão excitado e suado como Michelet a fazer com Napoleão! [...] Aprecio mais quando alguém, mesmo como historiador, dá a entender onde o solo é quente ou sagrado demais para o seu pé.

De acordo com Nietzsche, isso é de fundamental importância, pois se o que o historiador reconstitui e descreve é uma determinada hierarquia de instintos, afetos, — igualmente determinados por uma série de fatores —, então cabe a ele saber quais são os afetos que nele são operantes para buscar analisar no curso da história aqueles que lhe são semelhantes. É desse modo que, somente o “historiador que, no momento certo ‘tira o sapato’ ou põe o sapato no pé e se manda é uma ave rara hoje em dia, na era da sem-vergonhice descarada” (NIETZSCHE, 2008, p. 508).

É nesse sentido que, ainda de acordo com o que propõe Hayden White, podemos dizer que Nietzsche, na medida em que se ocupa da História, criou “uma visão de mundo” e, de modo distinto aos historiadores, ao criá-la assume uma posição “cognitivamente responsável” (WHITE, 2008, p. 29). Em outras palavras, o que estava em questão não era dizer exatamente *o que foi*, uma vez que o filósofo dispensava o desejo de objetividade – o mesmo dos positivistas, por exemplo –, mas, a partir de uma certa imagem, abrir caminhos para o desenvolvimento futuro da cultura. Daí Nietzsche conceber o ser filósofo como o exercício de avaliar e, colocando a si mesmo entre os que exercem a filosofia desse modo, ele afirma que é preciso ter “dedos impetuosos para o intangível”, além de “dentes e estômago para o mais indigesto”

Para Referenciar:

JESUS, Francisco de Paula Santana de. Prolegômenos à concepção Nietzscheana da história. *In: Argumento*, Salvador, n. 16. p. 9-20, novembro. 2020

(NIETZSCHE, 2005, p. 46).

Nietzsche e a história do fim do Império Romano

Conhecida é a admiração que Nietzsche sempre nutriu pelas grandes civilizações da Antiguidade Clássica. É igualmente sabido o desprezo do filósofo pelo cristianismo e seus valores. A história do Ocidente, na perspectiva nietzschiana, foi definida pela relação antitética entre os valores nobres — de gregos e romanos — e os valores servis — de judeus e, posteriormente, cristãos. E justamente a questão dos valores era considerada fundamental, por Nietzsche, no que diz respeito à formação das sociedades e das civilizações, pois consistia em sintoma da organização instintual do tipo humano cultivado por estas. Nas palavras de Mariana Costa, “A tipologia da moral desenvolvida por ele constitui-se como o lastro, como o documento (pretensamente) ‘histórico’ da sua crítica e mesmo denúncia da moral dominante” (COSTA, 2009, p. 60).

Na antiga civilização dos romanos, Nietzsche vislumbrou o modelo ideal de organização social — e, igualmente, instintiva. “Quem teria aprendido sem os romanos?” (NIETZSCHE, 2017, p. 86). Precisamente na sociedade romana da época imperial, seu evergetismo³, sua capacidade de assimilação e reorganização interna, o filósofo vê como expressão de uma hierarquia que se daria primeiramente no nível dos afetos, dos instintos. Daí a nobreza dos romanos. Algo que, na concepção do filósofo se deveu à “sua posição de domínio perante outras raças” e ter erigido um extenso império (2009, p. 69). Uma fina combinação entre características psicológicas e sociais dos romanos, algo resultante de um longo processo de cultivo

³ Prática sobremaneira difundida na Antiguidade Clássica que consistia na distribuição dispendiosa de presentes, ou na melhora da infraestrutura pública, visando o prestígio.

Para Referenciar:

JESUS, Francisco de Paula Santana de. Prolegômenos à concepção Nietzscheana da história.
In: Argumento, Salvador, n. 16. p. 9-20, novembro. 2020

da “raça”.

O que teria, então, levado ao declínio desta magnífica organização? Para Nietzsche, a resposta é evidente: a moral cristã, a vitória dos valores cristãos — dos valores servis, portanto — sobre a moral nobre dos dominadores. Para o filósofo, os cristãos, “[...] aqueles santos anarquistas consideraram 'devoção' [a tarefa de] destruir 'o mundo', ou seja, o Imperium Romanum, até que não ficasse pedra sobre pedra” (NIETZSCHE, 2016, p. 72). Mas por quê? A moral cristã, o tipo psicológico cristão, seriam sintomas de uma hierarquia pulsional em declínio. Assim, para Nietzsche, “foi o escravo oriental que desse modo se vingou de Roma e de sua tolerância nobre e frívola” (NIETZSCHE, 2005, p. 48). Mas, para isso, adverte o filósofo, seria preciso que algo já estivesse fora de ordem no interior da cultura dos próprios romanos para que “os escravos nos senhores”, ou seja, os impulsos negadores da vida se pusessem “contra os senhores”, ou seja, contra os impulsos mais vivazes (NIETZSCHE, 2005).

É por essa razão que a crítica feita por Frederick Copleston não faz sentido dentro do esquema formulado por Nietzsche. Com efeito, Copleston defende que a visão do filósofo acerca de Roma do período imperial “desprezou o lado negro da civilização romana e o cancro que a corroía internamente” (COPLESTON, 1979, p. 105); ou seja, para o padre historiador da Filosofia, Nietzsche não teria levado em consideração os aspectos da estrutura social e econômica de Roma que contribuíram para a dissolução do Império. Além disso, Copleston defende a tese de alguns dos antigos apologetas para os quais “Roma foi, sem dúvida, uma preparação, mas uma preparação para o Cristianismo” (COPLESTON, 1979), por que a estrutura político-administrativa romana teria o poder de impor pela força das leis, ou das armas se preciso fosse, do qual os apóstolos sozinhos não dispõem.

Ora, como vimos acima, Nietzsche recriminava as análises factuais tanto quanto

Para Referenciar:

JESUS, Francisco de Paula Santana de. Prolegômenos à concepção Nietzscheana da história.
In: Argumento, Salvador, n. 16. p. 9-20, novembro. 2020

as explicações místicas. O filósofo se ocupava da História na medida em que esta pudesse ser uma plataforma para o seu modo de filosofar. Que teria a ver a Filosofia puramente com fatos? Se no plano gnosiológico, a “explicação histórica”, ou seja, a genealogia, “é redução a uma sequência habitual por analogia” (NIETZSCHE, 2008, p. 379), o que significa dizer que se pretende dar uma certa imagem do que foi, no que tange aos processos sociais e culturais, se daria o mesmo. Nesse sentido, Nietzsche pretende construir uma outra imagem da formação do Ocidente a partir de uma perspectiva distinta daquelas tradicionalmente aceitas (SAMPAIO, 2008). Não há a pretensão de absolutizar essa nova visão — o que se quer é, antes de tudo, oferecer uma alternativa e um projeto cultural que se mostre melhor e mais adequado à sua concepção de mundo como vontade de poder.

Isso é necessário, pois, como dito anteriormente, ao conceber a formação da civilização ocidental como um processo de *décadence* — caracterizada pelo enfraquecimento dos instintos criadores e, nesse sentido, renovadores da cultura e das formas de vida —, Nietzsche concilia de modo dinâmico as atividades de filósofo e de historiador. É assim que, para André Itaparica, em Nietzsche, “enquanto o historiador indica o caminho percorrido e a hierarquia entre as culturas, tornando-se consciente de sua própria posição nessa hierarquia; o filósofo, diante do caos de culturas diversas que é o homem moderno, procura imprimir-lhe uma direção e oferecer-lhe uma meta” (ITAPARICA, 2005, p. 97). Só assim faz sentido compreender a história enquanto um “teatro” cujo roteiro é reconstituído e, ao mesmo tempo, projetado por aquele que dela se ocupa.

Para Referenciar:

JESUS, Francisco de Paula Santana de. Prolegômenos à concepção Nietzscheana da história.
In: Argumento, Salvador, n. 16. p. 9-20, novembro. 2020

Referências:

COPLESTON, Frederick. **Nietzsche, filósofo da cultura**. Tradução Eduardo Pinheiro. Porto, Tavares Martins, 1979.

COSTA, Mariana Lins da. **Moralidade, civilização e decadência: uma história natural da moral ascética**. Salvador. (Dissertação de Mestrado, UFBA, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas). 2009.

FREZZATTI JUNIOR, Wilson Antônio. **Nietzsche contra Darwin**. São Paulo, Edições Loyola, 2014. (Coleção Sendas e Veredas)

ITAPARICA, André Luís Mota. "Nietzsche e o sentido histórico". *In cadernos Nietzsche*, São Paulo, n. 19, 2005, p. 79-100.

LÖWITH, Karl. **De Hegel a Nietzsche: a ruptura revolucionária no pensamento do século XIX: Marx e Kierkegaard**. Tradução Flamarion Caldeira Ramos, Luiz Fernando Barrére Martin. São Paulo, Editora Unesp, 2014.

MARTON, Scarlett (org.) **Dicionário Nietzsche**. São Paulo, Edições Loyola, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

_____. **Crepúsculo dos ídolos**, ou Como se filosofa com o martelo. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia de Bolso, 2017.

_____. **Fragmentos do espólio: primavera de 1884 a outono de 1885**. Seleção, tradução e posfácio de Flávio R. Kothe. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2008.

Para Referenciar:

JESUS, Francisco de Paula Santana de. Prolegômenos à concepção Nietzscheana da história.
In: Argumento, Salvador, n. 16. p. 9-20, novembro. 2020

_____. **Fragmentos finais**. Seleção tradução e posfácio de Flávio R. Kothe. Brasília, Editora Universidade de Brasília; São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2002.

_____. **O Anticristo**: maldição ao cristianismo; **Ditirambos de Dionísio**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia de Bolso, 2016.

RANCIÈRE, Jacques. **Os nomes da história**: ensaio de poética do saber. Tradução Mariana Echalar. São Paulo, Editora Unesp, 2014.

SAMPAIO, Alan da Silva. **Origem do Ocidente**: a antiguidade grega no jovem Nietzsche. Ijuí, Unijuí, 2008. (Coleção Nietzsche em perspectiva).

VATTIMO, Gianni. **Diálogo com Nietzsche**: ensaios 1961-2001. Tradução Silvana Cobucci Leite. São Paulo, Martins Fontes, 2010.

WHITE, Hayden. **Meta-História**: a imaginação histórica do século XIX. Tradução de José Laurêncio de Melo. São Paulo, Editora Universidade de São Paulo, 2008.